

NO RASTRO DO CRIME

Capítulo 7

CENA 1. INT. DELEGACIA. CORREDOR. DIA**1**

11 DE OUTUBRO DE 2016. TERÇA-FEIRA.

MICHAEL SELTZER e ALBERTO COOPER caminham a passos largos por um corredor da delegacia. Michael Seltzer carregar uma pasta com documentos referente ao inquérito.

MICHAEL SELTZER

(com certa descrença)

Então você acha que consegue a confissão dele para todos os crimes?

ALBERTO COOPER

Ele não vai se importar em confessar o que fez. Tenho certeza disso.

MICHAEL SELTZER

(sua voz ainda soando duvidosa/ com um meio-sorriso cético)

E por que tem tanta certeza disso?

Eles param de caminhar quando ficam em frente uma porta FECHADA e Alberto volta-se para Michael para responder.

ALBERTO COOPER

Por que ele é um doente. É um desgraçado de um sádico! Vai se divertir com isso! E sabe por quê? Porque tem certeza de que estaremos sentindo ódio dele.

MICHAEL SELTZER

(debochado)

Sempre acreditei que você fosse um policial, não psiquiatra.

Ignorando o comentário, Alberto gira o corpo e abre a porta.

CENA 2. INT. DELEGACIA. SALA. DIA**2**

Em uma sala mal iluminada, ALBERTO COOPER e MICHAEL SELTZER estão observando CLEISON BOYLE através de um vidro translúcido.

POV DE ALBERTO

Cleison está dentro de uma sala de interrogatório típica em delegacias, com apenas uma mesa e TRÊS cadeiras, uma reservada para o criminoso ou suspeito de um crime e as outras duas reservadas aos interrogadores, essas postadas mais à frente da mesa. Algemado à mesa e usando um uniforme de detento, Cleison está sentado em uma das cadeiras e olha para baixo, com muita frieza e calma. Por um instante, Cleison levanta a cabeça e olha na direção de onde Alberto e Michael estão, mesmo não percebendo os policiais, pois de dentro da sala Cleison não consegue discernir nada através do vidro que, para quem está no interior da sala, se parece com um grande e quadrangular espelho fixado na parede.

Como se soubesse que está sendo observado, Cleison sorri para seu reflexo no "espelho".

VOLTA À CENA

MICHAEL SELTZER

(autoritário)

Pode deixar que eu entro e falo com ele.

ALBERTO COOPER

Não! Eu vou fazer isso. Já disse.

Alberto começa a caminhar na direção de uma porta que dá para a sala onde Cleison está detido.

Temendo alguma reação impulsiva de Alberto, Michael Seltzer o acompanha até a porta.

ALBERTO COOPER (CONT.)

(falando enquanto caminha)

Eu o peguei. E sou eu quem vai terminar com isso.

Alberto e Michael chegam até a porta.

(CONT.)

MICHAEL SELTZER

Tudo bem. Mas eu também quero ouvir o que esse filho da puta vai contar!

CENA 3. INT. SALA DE INTERROGATÓRIO. DELEGACIA. DIA**3**

Imagem em close das mãos de CLEISON BOYLE presas com as algemas.

Parecendo calmo, Cleison morde os lábios que estão ressequidos. Sua face está marcada pelos hematomas causados pela briga entre ele e Alberto Cooper na cena em que foi capturado.

A porta se abre. ALBERTO COOPER e MICHAEL SELTZER entram na sala. Alberto carrega uma pasta com documentos referente ao inquérito.

Cleison parece indiferente ao ver os policiais caminharem até as duas cadeiras que estão em frente à mesa e se sentarem. Com coragem e audácia, Cleison encara os policiais olhando nos olhos de cada um deles, como se não os temesse.

Michael Seltzer parece temer uma reação de Alberto.

Ao observar a expressão cheia de ódio de Alberto, Cleison sorri com sarcasmo.

ALBERTO COOPER

Pelo visto vejo que gostou da nossa recepção.

CLEISON BOYLE

(sarcástico/ com um sorriso nos lábios)

Depois do trabalho que fiz em seu amigo, tinha que ser bem recebido.

INSERT:

Alberto se levanta num impulso, saca da arma e dispara contra Cleison. O projétil acerta Cleison na testa, e o impacto do projétil impulsiona o corpo de Cleison para trás, fazendo a cadeira inclinar-se e cair no chão. Em pé, Alberto dispara mais duas vezes. O sangue de Cleison começa a escorrer pelo chão, ao lado da cabeça.

Michael Seltzer também se levanta e, em slow motion, tenta impedir que Alberto dispare mais vezes contra Cleison tentando imobilizar o policial.

(CONT.)

VOLTA À CENA

A cena anterior descreve apenas uma vontade de Alberto Cooper, cheio de ódio, em matar Cleison.

Cleison continua a encarar Alberto Cooper com um sorriso frio e sarcástico. Alberto não responde a provocação, mas sua expressão denuncia que ele controla a raiva.

ALBERTO COOPER

Você... está ciente de que vai responder pelos cinco assassinatos que cometeu?

CLEISON BOYLE

Sim, eu sei.

Alberto fica calado, os olhos fixos no rosto de Cleison, como se não pensasse em nenhuma pergunta.

Michael Seltzer avalia o rosto de Alberto.

Por sua vez, Alberto olha para cima da mesa e depois volta a encarar a face de Cleison.

ALBERTO COOPER

Então... eu quero saber de tudo o que aconteceu.

CLEISON BOYLE

E já não sabem o suficiente?

Novamente Alberto se cala e encara a face de Cleison.

Percebendo que Alberto está controlando o ódio, Michael Seltzer decide tomar a frente do interrogatório.

MICHAEL SELTZER

Bem, o que queremos é sua confissão nos crimes que cometeu.

Com frieza, Cleison olha para Michael Seltzer.

(CONT.)

CLEISON BOYLE

(frio/ desafiador)

Confissão?... Com todas as provas ainda precisam da minha confissão?

Alberto e Michael trocam um olhar antes de prosseguir.

ALBERTO COOPER

Queremos saber o porque cometeu os crimes. Todos.

CLEISON BOYLE

Claro. E... pelo qual quer que comece?

ALBERTO COOPER

A garota. MANUELE. Por que a matou?

O sorriso de Cleison se fecha.

ALBERTO COOPER (CONT.)

Como a conheceu?

CORTA PARA

CENA 4. PARADA DE ÔNIBUS. ALGUNS ANOS ATRÁS. NOITE. (FLASHBACK) 4

18 DE OUTUBRO DE 2013. SEXTA-FEIRA.

Carros em alta velocidade cruzam por uma avenida movimentada com os faróis acesos. Parece frio e está garoando.

CLEISON BOYLE (V.O.)

Como conheci ela? Bem... Foi de noite. Tava vindo da igreja...

A câmera gira horizontalmente e "foca" uma parada de ônibus, e, embaixo da cobertura, MANUELE CAVALHAIS está sentada em um banco.

(CONT.)

Manuele é uma garota de 17 anos. Usa uniforme escolar e carrega uma mochila nas costas.

ALBERTO COOPER (V.O.)

Igreja?

CLEISON BOYLE, alguns anos mais jovem, se aproxima da parada de ônibus. Além da aparência mais jovem, ele veste elegantes ROUPAS SOCIAIS e SEGURA UMA BÍBLIA.

CLEISON BOYLE (V.O)

É. Da igreja. Como as coisas mudam, não é?

Cleison se aproxima de Manuele e para quando está bem próximo. Manuele olha para ele, UM ESTRANHO APENAS, e sorri COM UMA EXPRESSÃO TRISTE.

Assim que Manuele sorri, Cleison percebe que ela estava chorando.

CLEISON BOYLE

(parecendo preocupado)

Tudo bem com você?

MANUELE CAVALHAIS

(tímida)

Tudo.

Curioso, Cleison aproxima-se ainda mais de Manuele, a passos lentos para não amedrontá-la.

CLEISON BOYLE

Não parece. Aconteceu alguma coisa com você, menina?

Manuele seca uma lágrima que cai dos olhos.

MANUELE CAVALHAIS

Briguei com meu namorado.

(CONT.)

CLEISON BOYLE

Entendo. Você...

Cleison olha ao redor antes de concluir.

CLEISON BOYLE (CONT.)

Você mora aqui por perto?

MANUELE CAVALHAIS

(com ingenuidade)

Não.

Silêncio. Cleison observa Manuele disfarçar olhando para o chão e em seguida para os carros que passam pela avenida.

CLEISON BOYLE

Você me disse que brigou com namorado?

MANUELE CAVALHAIS

(orgulhosa)

É. Brigamos. Estava na escola. Aí resolvi não ir pra casa. Mas sabe de uma coisa, não to nem aí. Acho que nem gosto tanto dele assim mesmo.

CLEISON BOYLE

Me perdoe pelo comentário, menina, mas parece o contrário.

MANUELE CAVALHAIS

Como assim? Já disse! Eu não amo ele!

CLEISON BOYLE

Mas me parece que sim.

Silêncio. Manuele e Cleison trocam um olhar, e nessa troca de olhares Manuele parece ficar um tanto desconfiada.

(CONT.)

MANUELE CAVALHAIS

Quem é você?

CLEISON BOYLE

Digamos que eu seja alguém que gosta de ajudar as pessoas?

Manuele observa Cleison se aproximar e ficar lado a lado com ela. Cleison olha para os carros que passam pela avenida e volta a olhar para o rosto de Manuele, que o observa com atenção.

CLEISON BOYLE

Eu... eu fiz muitas coisas ruins no passado. Agora quero fazer o contrário. E... eu reconheço uma pessoa que precisa de ajuda.

MANUELE CAVALHAIS

(rindo)

Ah é? E eu por acaso preciso?

CLEISON BOYLE

Você precisa voltar para sua casa. Pra sua família.

A expressão de Manuele se entristece.

CLEISON BOYLE

Mas vejo que não pode, não é?

MANUELE CAVALHAIS

Não tem mais ônibus esta hora.

CORTA PARA

CENA 5. INT. SALA DE INTERROGATÓRIO. DELEGACIA. DIA**5**

INSERT:

Imagem de CLEISON BOYLE parado ao lado da avenida, observando um táxi se afastar com MANUELE.

De dentro do táxi, olhando para trás, Manuele fica observando Cleison em pé ao lado da parada de ônibus.

ALBERTO COOPER (V.O.)

Então você pagou o táxi para ela voltar para casa?
Quer que acreditemos nessa história?

VOLTA À CENA

Sentado ao lado de mesa na sala de interrogatório, Cleison Boyle continua a olhar para o rosto de ALBERTO COOPER e MICHAEL SELTZER.

CLEISON BOYLE

Por que mentiria? Tenho o quê a perder?

ALBERTO COOPER

E como você conseguiu o número do celular dela?

CLEISON BOYLE

No mesmo dia. Quando a conheci. Disse que ela poderia participar de um grupo de jovens da igreja. Ela pareceu interessada, mas quando liguei pra ela disse que tinha mudado de idéia. Que não queria mais.

ALBERTO COOPER

(em tom afirmativo)

E pelo jeito você voltou a ligar pra ela outras vezes?

Cleison não responde, e seu silêncio confirma a pergunta de Alberto.

(CONT.)

ALBERTO COOPER

E..., deixa eu adivinhar, ela te tratou mal na última ligação, não é?

CLEISON BOYLE

É. Parece que a minha insistência irritou um pouco ela. Eu... acho que ela não deveria ter sido tão grossa comigo.

MICHAEL SELTZER

E foi pó isso que decidiu matá-la?

CLEISON BOYLE

(com "fria sinceridade")

Não.

ALBERTO COOPER

Claro que não. Isso foi o começo. Foi quando você começou a se tornar obcecado por ela, não é?

Cleison encara Alberto, mas não responde.

MICHAEL SELTZER

Nunca mais teve contato com ela?

CLEISON BOYLE

Não nos últimos anos. Quando encontrei ela tava muito diferente. Mas lembrei. Nunca esqueceria daquele rosto. Tava bem diferente. Maquiada e com roupas curtas. Não parecia mais uma menininha de escola.

ALBERTO COOPER

Onde foi?

(CONT.)

CLEISON BOYLE

No centro. Ela não me viu. Depois disso vi ela dentro da Meisinger, com Clark.

ALBERTO COOPER

No dia em que matou ela?

Antes de responder, Cleison encara com ousadia a fade de Alberto.

CLEISON BOYLE

É. Já imaginei que ela garota de programa quando vi ela no centro. Estava com um homem muito velho e entraram num carro bacana. Quando vi ela com Clark conclui que era garota de programa... Ainda. E logo com aquele filho da puta.

Cleison dá uma pausa.

Os investigadores não falam nada, pois Cleison age como se logo fosse dar continuidade ao que estava narrando.

CLEISON BOYLE (CONT.)

Sabe? Eu não tinha planos de matar ela. Confesso! Confesso que me tornei obcecado por ela. Chegava a sonhar com ela. Mas não queria matar.

Os olhos de Cleison se enchem de ódio.

CLEISON BOYLE (CONT.)

Mas quando... quando eu vi com aquele... aquele verme do Clark... fiquei com ódio... só queria ver o sangue saindo deles.

ALBERTO COOPER

Por que odeia Clark? Chegou a conhecer ele pessoalmente? Quer dizer, já teve alguma intimidade com ele? E que coincidência trabalhar dentro da empresa dele.

(CONT.)

CLEISON BOYLE

(rindo)

Calma. Uma pergunta por vez! E... quanto a Clark?
Ah, vocês não fazem noção de como conheço Clark,
aquele verme!

**CENA 6. INT. CASA DA FAMÍLIA MESINGER. ANOS ATRÁS. (FLASHBACK)
NOITE. 6**

CLEISON BOYLE (V.O.)

E logo vão saber o porquê odeio aquele "escroto".

INSERT:

Imagem da fachada da casa da família Meisinger.

No canto da tela caracteres INDICAM O ANO DE 1991, o ano em que
RICARDO MEISINGER foi assassinado.

VOLTA À CENA

Em pé ao lado da mesa na cozinha da casa dos Meisingers, CLARK
MEISINGER olha com raiva para RICARDO MEISINGER. Eles estão em
meio uma discussão e Clark parece se controlar enquanto ouve as
palavras RÍSPIDAS e AVILTANTES de seu pai.

RICARDO MEISINGER

Você é um irresponsável! Um piá mimado! Nunca será
competente o suficiente para ser presidente da
Meisinger! E se depender de mim, nunca o será!

Os lábios de Clark tremem pelo nervosismo.

RICARDO MEISINGER (CONT.)

E não adianta ficar me olhando como uma criança. Só
falta chorar! Faz um favor pra mim! Saia da minha
frente!

Clark fixa os olhos vermelhos na face de seu pai, comprime os
punhos e se afasta.

(CONT.)

Ao chegar até a porta, Clark para e olha para Ricardo.

CLARK MEISINGER

Um dia o senhor pode se arrepender...

RICARDO MEISINGER

(interrompendo Clark)

O que acabei de pedir?! Sai daqui, seu merda! Já não chega a vergonha que me causou na empresa? E ainda se acha superior aquele garoto. O EDUARDO sim, ele se porta como um empresário de verdade.

Uma lágrima cai dos olhos de Clark e ele sai da cozinha.

RICARDO MEISINGER (CONT.) (V.O.)

(voz gritada, com nervosismo)

Sente inveja dele! É por isso! Maldito o dia em que você nasceu!

INSERT:

Sentada em um sofá na sala, TEA MEISINGER escuta toda a discussão e chora fumando um cigarro. Tea é uma mulher de uns 40 anos, bonita e com o rosto muito maquiado, mas sua expressão, assim como nas outras cenas em que aparece, é sempre triste.

Segundos após ter saído da cozinha, Clark passa pela sala e, chorando, olha para sua mãe enquanto caminha até a porta de saída da casa.

CENA 6. INT. OFICINA ANTÔNIO CARVALHO. NOITE. 1991. (FLASHBACK) 6

ANTÔNIO CARVALHO está em pé no interior da oficina mecânica. Um HOMEM está conversando com ele. Esse homem parece estar zangado e fuma um cigarro. Ele usa jaqueta preta, calça social e camisa, do tipo mafioso, com um chapéu de aba curta que escurece seu rosto. Ao lado desse homem, um segundo homem está parado, com roupas escuras, do tipo guarda-costa, alto, meio gordo e com expressão séria e intimidante. Eles estão discutindo sobre algum dinheiro que Antônio deve para esse homem.

(CONT.)

HOMEM

Eu já dei tempo suficiente pra você! Faz um mês, Antônio! Quero meu dinheiro!

ANTÔNIO CARVALHO

Eu sei. Mas eu não... Não tá tendo muito serviço. E eu não tenho de onde tirar dinheiro.

HOMEM

Isso não é problema meu! Eu quero meu dinheiro!

ANTÔNIO CARVALHO

Eu... Me dá mais uns dias. Eu tenho algum dinheiro pra receber de uns serviços, aí consigo seu dinheiro.

O homem dá uma tragada no cigarro e aproxima seu rosto ao rosto de Antônio.

HOMEM

(soprando fumaça de cigarro no rosto de Antônio enquanto fala)

10 dias. É tudo o que você tem pra conseguir meu dinheiro. E você me conhece, Antônio. Não brinque comigo.

ANTÔNIO CARVALHO

Tá. Pode vir aqui em 10 dias. Eu vou conseguir seu dinheiro.

O homem se afasta de Antônio. Dá mais uma tragada no cigarro e, sendo seguido por seu capanga, sai da oficina.

Assim que o homem sai da oficina, Antônio parece sentir-se aliviado e olha para o fundo da oficina, onde CLEISON BOYLE está sentado em uma cadeira, de onde observou toda a conversa e a ameaça do homem que acabara de sair com seu CAPANGA.

Cleison se levanta e caminha até onde Antônio está.

(CONT.)

CLEISON BOYLE

10 dias, pai? Já sabe onde vai arranjar dinheiro para pagar ele?

ANTÔNIO CARVALHO

Já... quer dizer... Ah, não se preocupe com isso, Cleison. Deixa que eu resolvo meus problemas!

Cleison observa Antônio caminhar até uma escrivaninha e sentar-se em uma cadeira.

CLEISON BOYLE

Quanto que o senhor deve pra ele?

Antônio analisa a expressão preocupada de Cleison e abre uma gaveta da escrivaninha.

ANTÔNIO CARVALHO

É pouco.

INSERT:

A mão de Antônio apanha um revólver que está dentro da gaveta.

ANTÔNIO CARVALHO (O.S.) (CONT.)

Mas se não conseguir, isso aqui pode pagar a dívida.

VOLTA À CENA

Cleison Boyle observa Antônio levantar a arma e balançar, com um sorriso nos lábios.

Antônio levanta-se e se afasta, segurando a arma. Segundos depois Cleison o observa abrir uma porta aos fundos da oficina e entrar em outro cômodo.

Cleison permanece em pé por algum tempo, parecendo estar pensativo e preocupado. Em seguida caminha até a escrivaninha e senta-se na mesma cadeira em que Antônio estava sentado.

Preocupado com a situação de Antônio, Cleison parece pensar em alguma forma de ajudá-lo.

(CONT.)

Ele coça a cabeça, olhando para o vazio.

Involuntariamente, seus olhos captam um punhal que está sobre a escrivaninha, próximo de algumas laranjas.

Por algum tempo ele olha para o punhal. Como se surgisse uma idéia, ele apanha o punhal e se levanta da cadeira.

INSERT:

A mão de Cleison coloca o punhal na cintura e cobre o cabo com a camisa.

VOLTA À CENA

Cleison caminha até a porta de saída. Abre-a e sai para a rua.

CENA 7. RUA. NOITE

7

CLARK MEISINGER está andando por uma rua.

Não há muitas pessoas por perto, apenas alguns grupos de jovens em pontos distantes de onde Clark caminha. Ele está visivelmente bêbado e cambaleia a cada passo.

Clark segura uma garrafa de bebida, algum tipo de vinho, e toma alguns goles enquanto caminha à esmo, sem se preocupar com os perigos que o envolve.

CLARK MEISINGER

(revoltado)

Incompetente! Eu?! Ele é que é um incompetente.

Clark chega até uma esquina e entra em outra rua. É uma rua de menor movimento do que a outra, e mais escura também, feita de paralelepípedos e cercada de casas com as janelas escuras, como se ninguém morasse nessas casas.

Bêbado e revoltado com seu pai, RICARDO, Clark não percebe o perigo e continua a andar, tomando a bebida na garrafa.

CORTA PARA

CENA 8. RUA. NOITE.**8**

Na mesma rua em que CLARK caminha, há algumas dezenas de metros à frente, CLEISON BOYLE observa um jovem estranho se aproximando, com belas roupas e com pinta de filhinho de papai.

POV DE CLEISON BOYLE

Clark se aproxima cambaleante. Ele leva a garrafa de bebida à boca e toma um gole, deixando um pouco de bebida escapar e molhar sua boca e suas roupas.

VOLTA À CENA

Cleison olha ao redor e, percebendo que não há ninguém por perto, ele retira o punhal da cintura.

Há um container de lixo próximo e Cleison, segurando o punhal, aproxima-se e se esconde atrás do container onde planeja esperar Clark se aproximar para surpreendê-lo dando voz de assalto.

Alguns segundos se passam e Clark enfim se aproxima de onde Cleison está.

SÉRIE DE PLANOS

- A. Cleison sai de trás da lixeira e "vai" para cima de Clark.
- B. Clark se assusta ao ver o estranho segurando o punhal ir em sua direção.
- C. INSTINTIVAMENTE, Clark levanta a garrafa e, assim que Cleison se aproxima, arremete a garrafa na cabeça.
- D. A garrafa se quebra e cai no chão de paralelepípedos.
- E. Cleison geme ao sentir a garrafa atingir sua cabeça. Perde um pouco do equilíbrio, recupera-se e vai para cima de Clark outra vez.
- F. Agindo por instinto, Clark segura a mão de Cleison que empunha o punhal.
- G. Os dois disputam pela posse da arma.
- H. Clark dá uma joelhada no meio das pernas de Cleison.
- I. Cleison geme, mas não larga da arma.
- J. Por ter sentido dor, Cleison fica com menos força e o corpo de Clark o empurra para trás.
- K. Novamente Cleison geme de dor quando suas costas se chocam contra a quina do container no qual estava escondido.
- L. Eles se atrapalham a o punhal cai dentro do container.
- M. Cleison reage e dá um soco no rosto de Clark, fazendo-o recuar alguns passos.

(CONT.)

- N. Clark sente raiva ao receber o soco e vai para cima de Cleison, atingindo-o com outro soco. O sangue começa a escorrer da boca de Cleison.
- O. Clark perde o equilíbrio ao pisar em falso e cai de joelhos.
- P. Cleison aproveita a oportunidade e tenta atingir com outros golpes.
- Q. Mas Clark agarra as pernas de Cleison e ele cai no chão, batendo a cabeça no container.
- R. Deitados no chão, os dois começam a trocar vários socos, até se cansarem.
- S. Clark e Cleison enfim perdem as forças e não conseguem mais desferir golpes.
- T. Estando deitado no chão, Cleison se esforça para se colocar sentado, com as costas apoiadas no container.
- U. Clark se arrasta e tenta se sentar no meio-fio.
- V. Sentados os dois se encaram por algum tempo, com expressões cheias de dor, tão fracos que não conseguem se levantar.

CLARK MEISINGER

(com voz esbaforida)

O meu não! O meu dinheiro você não vai ter, seu filho da puta.

Cleison parece sentir dor nas costas e geme.

CLARK MEISINGER

Merda!

Clark observa Cleison sentado, sem falar nada.

Bêbado, Clark começa a rir.

CLARK MEISINGER

Dinheiro. Você quer dinheiro?

Com muito esforço, Clark se coloca em pé.

CLARK MEISINGER

Eu... mas eu não tenho dinheiro.

(CONT.)

Cleison não fala nada. Parece estar bem machucado, tanto que, no momento, não consegue se levantar.

Em pé, inclinando-se para frente para se apoiar com as mãos nos joelhos, Clark olha para a garrafa de bebida quebrada em meio à rua.

INSERT:

Imagem da garrafa de bebida quebrada em meio à rua.

CLARK MEISINGER (O.S.)

Merda! Você acabou com meu vinho.

Cleison arrisca um sorriso.

Clark volta a se sentar no meio-fio. Por um tempo ele olha para o rosto de Cleison.

CLARK MEISINGER

Por que você fez isso? Que merda! O que você quer, cara?

CLEISON BOYLE

Te dar um beijo! O que você acha, seu playboy?

Clark observa Cleison gemer de dor.

CLARK MEISINGER

Você está bem?

CLEISON BOYLE

Não... não me diga que tá com pena!

CLARK MEISINGER

Claro que não. Meu... seu plano não deu certo. E... eu não vou chamar a polícia... eu...

Clark volta a olhar para a garrafa de bebida quebrada.

(CONT.)

CLARK MEISINGER (CONT.)

Eu só queria mais uma garrafa de bebida...

Clark olha para o rosto de Cleison, com naturalidade.

CLARK MEISINGER

E... você tá com cara de que precisa de dinheiro.

CLEISON BOYLE

Eu... não se engane, seu playboy, não sou um assaltante...

CLARK MEISINGER

Claro que não! Você é um publicitário.

CLEISON BOYLE

Eu estava precisando...

CLARK MEISINGER

De uma bebida... é disso que você precisa.

Cleison ri.

CLEISON BOYLE

Cara, você é mais doido que eu. Costuma conversar com quem tenta te roubar?

CLARK MEISINGER

Não. Mas uma bebida iria bem. E você tá precisando de ajuda. Faz o seguinte, você mora por perto?

CLEISON BOYLE

Quer me levar pra casa? Você parece mesmo uma bichinha!

(CONT.)

CLARK MEISINGER

Vá se foder. Só quero mais uma bebida. Mas...

CLEISON BOYLE

Mas o que?

Clark dá uma pausa e observa Cleison escorado no container.

CLARK MEISINGER

Posso arrumar um serviço bem lucrativo pra você.

CORTA PARA

CENA 9. INT. SALA DE INTERROGATÓRIO. DELEGACIA. DIA

9

11 DE OUTUBRO DE 2016. TERÇA-FEIRA.

INSERT:

A câmera filma CLEISON BOYLE e CLARK MEISINGER andando lado a lado pela rua de paralelepípedos. Clark cambaleante por estar bêbado e machucado e Cleison se equilibrado após ter sofrido os ferimentos na briga.

ALBERTO COOPER (V.O.)

Está me dizendo que Clark pagou para você e seu pai matar Ricardo?

VOLTA À CENA

Sentado na cadeira, na sala de interrogatório, Cleison sorri ao ouvir a pergunta de ALBERTO COOPER.

CLEISON BOYLE

Sim. E pagou o que prometeu com um sorriso na cara. O filho da puta era mais frio do que qualquer um de vocês possa imaginar.

(CONT.)

ALBERTO COOPER

E pode explicar como entrou na Meisinger sem que Clark soubesse disso?

CLEISON BOYLE

E eu disse que ele não sabia. O desgraçado sabia de tudo.

ALBERTO COOPER

Como assim, sabia de tudo?

Cleison sorri antes de responder.

CLEISON BOYLE

Foi ele que arrumou emprego dentro da Meisinger.

CORTA PARA

CENA 10. INT. CASA DA FAMÍLIA MEISINGER. DIA 1991 (FLASHBACK) 10

Próximo do interfone, o MORDOMO RUI, após colocar o auscultador do interfone no gancho, olha para algum ponto onde CLARK MEISINGER provavelmente esteja.

MORDOMO RUI

Senhor Clark. Há um homem em frente à casa. Ele quer falar com o senhor.

Ao ouvir o mordomo, Clark caminha na direção da porta de saída da casa, que fica próximo de onde Rui está.

CENA 11. EXT. CASA DA FAMÍLIA MEISINGER. DIA (FLASHBACK) 11

Fumando um cigarro, CLEISON BOYLE está em frente aos portões da casa da família Meisinger, escorado no muro da casa.

(CONT.)

Ele está próximo do interfone através do qual se comunicou com o mordomo Rui.

CLARK MEISINGER abre o portão e sai para a rua.

Ao perceber que é Cleison que está em frente sua casa, Clark parece ficar nervoso e preocupado. Como se tivesse medo de alguém vê-lo conversando com AQUELE ESTRANHO, Clark cruza olhares à sua volta, mas não percebe ninguém por perto.

CLARK MEISINGER

(aproximando-se de Cleison)

O que você quer? O que está fazendo aqui? Você tá louco?!

CLEISON BOYLE

(despreocupado/ dando uma tragada no cigarro)

Preciso de ajuda.

CLARK MEISINGER

Ajuda?! Mas que ajuda?

CLEISON BOYLE

Dinheiro. Preciso de mais dinheiro.

CLARK MEISINGER

Eu não tenho dinheiro. E já paguei o valor que foi tratado.

CLEISON BOYLE

(lançando a guimba do cigarro na direção da rua)

Já te contei o que aconteceu.

CLARK MEISINGER

E que culpa eu tenho. Não imaginava que seu pai...

IMPULSIVAMENTE e com certa violência, Cleison empurra Clark no peito. As costas de Clark se chocam contra a parede e Cleison agarra a camisa de Clark com apenas uma mão, próximo do pescoço.

(CONT.)

CLEISON BOYLE

Escuta aqui, seu viadinho! Se você não se importava com seu pai, não é problema meu! O meu morreu... morreu de graça...

Clark parece sentir medo e não fala nada. Fica apenas olhando para os olhos de Cleison se tornando vermelhos.

CLEISON BOYLE (CONT.)

Ele morreu porque fizemos o que você pediu! E agora vem me dizer que não pode me ajudar!

CLARK MEISINGER

(sentindo medo)

Eu... eu...

CLEISON BOYLE

(apertando ainda mais a gola da camisa de Clark)

Eu... eu juro que mato você se me negar ajuda.

Clark parece adquirir coragem.

CLARK MEISINGER

(se desvinculando das mãos de Cleison)

Tá! Tá bom! Vou ver que posso fazer... Você disse que precisa de algum dinheiro.

CLEISON BOYLE

Não tenho pra onde ir. E a polícia tá de olho na oficina. Com certeza vão me pegar se voltar pra lá.

CLARK MEISINGER

Escuta. Eu não posso tirar dinheiro do caixa da empresa. Eu tenho que prestar contas com os sócios.

(CONT.)

CLEISON BOYLE

(em tom ameaçador)

E você quer que faça o quê? Se ficar por aí sem ninguém pra me ajudar, a polícia pode me pegar. E você sabe o que vai acontecer se eu for preso. A casa vai cair pra você também, meu caro.

CLARK MEISINGER

O que você quer? Não vou poder te dar muito dinheiro.

CLEISON BOYLE

Quero um emprego.

Clark SE SURPREENDE e começa a rir debochadamente.

CLEISON BOYLE

(com seriedade)

Eu quero mudar de vida. Preciso de um emprego. Nisso você pode me ajudar.

CLARK MEISINGER

Vou ver o que posso fazer. Mas... mas tem tantas empresas.

CLEISON BOYLE

Eu quero na Meisinger.

Clark se surpreende novamente.

CLARK MEISINGER

Na Meisinger? Por quê?

CLEISON BOYLE

E eu disse que quero qualquer emprego?

(CONT.)

CLARK MEISINGER

Entendo. Bem... mas... não posso fazer isso. Seu pai foi assassinado pelos policiais. Podem procurar por você. É questão de tempo.

CLEISON BOYLE

Não. Eles não vão. Ele não era meu pai verdadeiro...

CENA 12. INT. SALA DE INTERROGATÓRIO. DELEGACIA. DIA

12

11 DE OUTUBRO DE 2016. TERÇA-FEIRA.

ALBERTO COOPER e MICHAEL SELTZER parecem impressionados com a história de CLEISON BOYLE.

ALBERTO COOPER

Está me dizendo que foi Clark quem arrumou um emprego pra você na Meisinger?!

CLEISON BOYLE

É. Ele foi burro a ponto de fazer isso.

MICHAEL SELTZER

Isso quer dizer que vocês mantiveram contato durante todos esses anos?

CLEISON BOYLE

Não. Com o tempo a gente deixou de conversar. Ele me prometeu algumas coisas, mas não cumpriu nada.

ALBERTO COOPER

Que tipo de promessas?

(CONT.)

CLEISON BOYLE

Como não podia tirar dinheiro da empresa, ele prometeu que com o passar do tempo podia me promover. Me disse que "não" faria isso no começo porque as pessoas iam ficar desconfiadas. Com certeza falou isso pra que eu ficasse "na minha" e não contasse nada pra ninguém.

MICHAEL SELTZER

E vocês ficaram 20 anos sem manter contato? Quer que acredite nisso?

CLEISON BOYLE

Se vai ou não acreditar, o problema é teu!

Cleison dá uma pausa e encara os policiais.

CLEISON BOYLE (CONT.)

Eu quase nunca via ele. Nunca ia na empresa. Parece que com o tempo ele esqueceu do que aconteceu. Passava por mim e nem me cumprimentava. Eu também não tava nem aí. Tava tendo outra vida.

ALBERTO COOPER

Você viu MANUELE dentro da Meisinger no dia em que... no dia em que matou ela?

(CORTA PARA)

CENA 13. INT. EMPRESA MEISINGER. 16 DE SETEMBRO DE 2016. TARDE 13

CLEISON BOYLE, com uniforme de operário da Meisinger, caminha por um corredor equilibrando uma pilha de caixas.

CLEISON BOYLE (V.O.)

Sim. Eu vi ela. Trombei com ela e me deu ódio ao ver os dois de mãos dadas. Ela e aquele... aquele filho da puta do Clark! achei que tinha esquecido. Mas... o ódio voltou, entende?!

Equilibrando as caixas, Cleison se aproxima de um grupo de homens engravatados, os acionistas da empresa Meisinger. CLARK e MANUELE caminham alguns metros atrás do grupo de acionistas.

A pilha de caixas atrapalha um pouco sua visão e Cleison esbarra em Manuele, deixando as caixas caírem no chão.

CLEISON BOYLE (V.O.)

Eu a reconheci assim que ela olhou para mim.

Cleison olha para o rosto de Manuele e de Clark e fica surpreso, não conseguindo disfarçar que a reconheceu.

CORTA PARA

CENA 14. INT. SALA DE INTERROGATÓRIO. DELEGACIA. DIA 14

11 DE OUTUBRO DE 2016. TERÇA-FEIRA.

ALBERTO COOPER

CLARK reconheceu você?

CLEISON BOYLE

Sim. E, como sempre, fingiu que não me conhecia. Filho de uma puta. Eu...

(CONT.)

Cleison encara os olhos de Alberto.

CLEISON BOYLE (CONT.)

Você tem a minha confissão. Mas nunca terá meu arrependimento. Se pudesse matar ele de novo, mataria.

ALBERTO COOPER

Não duvido. Mas porque não matou Clark no dia em que matou Manuele?

CLEISON BOYLE

Porque queria deixar ele assim, sofrendo. A morte, às vezes, significa descanso.

ALBERTO COOPER

E dias depois entrou na clínica e o matou.

CLEISON BOYLE

(soltando um riso frio, impassível)

Você não sabe como foi fácil, Alberto.

MICHAEL SELTZER

O que significa o desenho? Aquele que deixou no papel que deixou na boca de Manuele?

CLEISON BOYLE

(interrompendo/ tentando levantar a mão algemada)

Esse?

(pausa. Cleison solta um sorriso frio antes de continuar)

Eu também fiz isso no pai do Clark. E até com certo prazer... Bem... Digamos que seja uma marca.

ALBERTON COOPER

E por que matou JOÃO LOPES?

(CONT.)

CLEISON BOYLE

João? Ah... o policial. É simples. Ele matou meu pai. Eu fingi que esqueci por muitos anos. Mas não. Nunca esqueci do que aconteceu com meu pai.

ALBERTO COOPER

Seu pai era um assassino. E reagiu. Que culpa João teve?

Cleison não fala nada. Fica calado, olhando com frieza nos olhos de Alberto.

ALBERTO COOPER

Uma coisa eu posso garantir. Você vai pagar pelo que fez.

CLEISON BOYLE

Eu sei. Foram cinco. Nunca esquecemos do rosto de quem matamos.

ALBERTO COOPER

Cinco?!

CLEISON BOYLE

(rindo)

Sim. Não lembra da velha?

Alberto não fala nada. Fica em silêncio por alguns segundos, observando a expressão fria de Cleison.

ALBERTO COOPER

É. Cinco... Seu doente! Vai pagar pelo que fez.

Os lábios de Cleison formam um sorriso sombrio ao ouvir o aviso cheio de ameaça de Alberto Cooper.

CENA 15. INT. CASA DE JÚLIA. NOITE**15**

11 DE OUTUBRO DE 2016. TERÇA-FEIRA.

Imagem de uma televisão reproduzido um telejornal.

O jornalista "âncora" está sentado atrás de sua bancada e atrás dele está a imagem de CLEISON BOYLE.

JORNALISTA

Após alguns dias desde o assassinato de MANUELE CAVALHAIS, CLEISON BOYLE foi capturado HOJE PELA MANHÃ em uma chácara na zona rural da cidade. Cleison será indiciado também pelas mortes de JOÃO LOPES, SÔNIA CARVALHO e CLARK MEISINGER...

JÚLIA CAVALHAIS e REGINALDO CAVALHAIS estão sentados no sofá, de olhos atentos à televisão.

JORNALISTA (V.O.) (CONT.)

Segundos os investigadores responsáveis pelo inquérito, por se tratar de um criminoso de alta periculosidade e pela complexidade dos crimes, Cleison aguardará o julgamento detido na penitenciária da cidade...

Júlia chora ao assistir a notícia.

JÚLIA CAVALHAIS

Espero... espero que esse monstro mora na prisão!

Reginaldo abraça sua mãe e a beija no rosto, com os olhos fixos na televisão.

CENA 15. INT. DELEGACIA. DIA**15**

14 DE OUTUBRO DE 2016. SEXTA-FEIRA.

MICHAEL SELTZER e ALBERTO COOPER estão no interior da delegacia. Precisamente na sala do investigador Alberto. Ele está sentado atrás da escrivaninha a tamborila os dedos na escrivaninha. Caracteres no canto da tela indicam ALGUNS DIAS DEPOIS.

MICHAEL SELTZER

Ele será transferido para a penitenciária hoje à tarde.

ALBERTO COOPER

Acha que devo acompanhar ele?

MICHAEL SELTZER

Pra quê?

ALBERTO COOPER

Não sei. Talvez alguém da imprensa apareça. Não quero que alguém fale...

MICHAEL SELTZER

Não se preocupe com isso. Nada foi vazado. Ninguém da imprensa sabe sobre o dia em que ele será transferido. Mas... pensando bem, seria bom se você o acompanhasse.

ALBERTO COOPER

Você é quem manda.

CENA 16. INT. DELEGACIA. DIA**16**

CLEISON BOYLE está sentado no chão da cela. Ele está pensativo e desperta ao ouvir um ruído metálico.

A porta da cela se abre e DOIS POLICIAIS entram.

(CONT.)

INSERT:

Imagem das mãos de CLEISON BOYLE sendo algemadas.

VOLTA À CENA

Alguns segundos se passam e Cleison sai da cela sendo conduzido pelos policiais.

Durando algum tempo eles percorrem um corredor e logo chegam à porta de saída de delegacia.

CENA 17. EXT. DELEGACIA. DIA

17

ALBERTO COOPER está ao lado de fora da delegacia. Ele aguarda os policiais conduzirem CLEISON BOYLE. O dia está ensolarado e ele usa seu HABITUAL óculos escuros e fuma. Assim que percebe que Cleison e os policiais saem pelas portas da delegacia, Alberto lança a guimba do cigarro.

INSERT:

A guimba do cigarro cai no chão.

CENA 18. INT. CARRO DE GUSTAVO LOPES. DIA

18

No interior de um carro, GUSTAVO LOPES, o filho de JOÃO LOPES, municia uma arma COM AS MÃOS TRÊMULAS.

O carro está estacionado ao lado de fora da delegacia.

Os olhos de Gustavo estão encharcados de lágrimas.

CENA 19. INT. CASA DE JOÃO LOPES. ANOS ANTES. (FLASHBACK)

19

GUSTAVO LOPES está sentado à mesa em meio à cozinha. Ele está mais jovem. Parece entristecido e olha para uma xícara de café que está sobre a mesa.

Sentado do outro lado da mesa, JOÃO LOPES toma café e come um misto quente. Ele toma um gole do café e analisa a expressão pensativa de Gustavo.

Do outro lado da mesa, VERA LOPES observa calada João estudar a expressão entristecida de Gustavo.

JOÃO LOPES

Tudo bem?

GUSTAVO LOPES

Tô bem. Só um pouco cansado.

JOÃO LOPES

E não tem aula hoje?

Antes que Gustavo respondesse, VERA LOPES responde, colocando uma xícara sobre a mesa.

VERA LOPES

Ele disse que desistiu.

João Lopes se impressiona e olha para Gustavo.

Como se sentisse vergonha, Gustavo abaixa a cabeça.

JOÃO LOPES

Mas o que aconteceu?... Você estava tão... tão empolgado.

GUSTAVO LOPES

(levantando a cabeça)

Eu... não sei se é isso que devo fazer da minha vida.

JOÃO LOPES

Mas... quantas horas de vôo você já fez? Umas 50?

GUSTAVO LOPES

43.

(CONT.)

JOÃO LOPES

E só agora você descobriu que não quer pilotar?

Gustavo fica calado. João Lopes e Vera trocam um olhar sugestivo. Após alguns segundos João Lopes se levanta da mesa. Ele apanha a xícara e caminha até a pia, deixando-a sobre a pia.

Segundos depois João Lopes está na sala. Em pé próximo da porta de saída, ele acomoda um casaco nos ombros e observa Gustavo se aproximar do sofá para se sentar.

JOÃO LOPES

Gustavo.

GUSTAVO LOPES

Diga, pai.

JOÃO LOPES

Venha aqui.

Gustavo obedece e caminha até onde João Lopes está.

JOÃO LOPES

Filho. Quando alguém que não gosta de você, que tem inveja, diz que você...

GUSTAVO LOPES

Ah, pai!

JOÃO LOPES

Me deixe terminar! Bem... Se alguém diz que você é fraco, que você não pode, você tem a obrigação de provar o contrário. Que você é melhor. Não deixe a inveja dos outros atrapalhar seus planos.

Gustavo enche os olhos de lágrimas ao ouvir as palavras do pai e balança a cabeça, como se concordasse com o que ouvira.

(CONT.)

JOÃO LOPES

Eu conheço vários pilotos e já vi você pilotando. Por isso posso garantir que você é bom, filho. Vai lá e mostre que é melhor que eles.

Lágrimas molham o rosto de Gustavo.

João Lopes abraça seu filho.

CENA 20. INT. CARRO DE GUSTAVO. DIA**20**

Dentro do carro em frente à delegacia, GUSTAVO LOPES está chorando. Com expressão cheia de ódio, ele limpa as lágrimas que escorre pelo rosto e olha para a arma em suas mãos.

Ao levantar a cabeça, sua expressão denuncia que ele percebeu algum movimento.

POV DE GUSTAVO

Gustavo PERCEBE QUANDO ALBERTO COOPER LANÇA A GUIMBA DE CIGARRO e, segundos depois, CLEISON BOYLE saindo pela porta da delegacia ao lado dos policiais.

Do outro lado da rua uma viatura está estacionada, e os policiais que conduzem Cleison caminham na direção dessa viatura. Próximo da viatura está o carro de Alberto Cooper.

CENA 21. RUA. DIA**21**

GUSTAVO LOPES sai do carro e começa a caminhar na direção onde CLEISON BOYLE está.

Uma lágrima cai dos olhos e Gustavo seca com a palma da mão esquerda.

A câmera desce e filma a arma na mão direita de Gustavo.

POV DE GUSTAVO

Em meio aos dois policiais, CLEISON BOYLE parece frio enquanto caminha, olhando para frente, sem perceber que Gustavo se aproxima para vingar a morte de JOÃO LOPES.

(CONT.)

VOLTA À CENA

DECIDIDO, Gustavo se aproxima de Cleison sem se preocupar com os policiais ao seu lado.

CENA 22. RUA. DIA

22

ALBERTO COOPER cruza um olhar à sua volta e percebe GUSTAVO LOPES se aproximando.

POV DE ALBERTO

Gustavo se aproxima há menos de 20 metros de distância. Ele tem o ódio estampado no rosto.

ALBERTO COOPER (O.S.)

Gustavo!

POV DE ALBERTO

Os olhos de Alberto captam a arma na mão de Gustavo.

VOLTA À CENA

ALBERTO COOPER

Merda!

SÉRIE DE PLANOS

- A. Ao ouvir as palavras de Alberto, os policiais olham para o lado e percebem Gustavo se aproximando. Eles ameaçam reagir levando à mão até suas armas.
- B. Cleison também percebe Gustavo se aproximando, mas permanece FRIO, como se não temesse a morte.
- C. Gustavo continua a se aproximar.
- D. Ciente de que os policiais podem reagir, Alberto se coloca em frente CLEISON BOYLE, na intenção de impedir o que está para acontecer.

ALBERTO COOPER

Por favor, façam nada! É o filho do João.

(CONT.)

POLICIAL

O filho do João Lopes?

ALBERTO COOPER

É! Não façam nada!

SÉRIE DE PLANOS

- A. Gustavo se aproxima. Ele levanta a mão e mira a arma na direção de Cleison.
- B. Algemado, Cleison parece frio e olha diretamente para Gustavo.

GUSTAVO LOPES

Sai da frente, Alberto!

Os policiais reconhecem o filho de JOÃO LOPES. Eles seguram Cleison pelo braço, mas mantém a outra mão na arma dentro do coldre.

GUSTAVO LOPES

(com lágrimas molhando o rosto)

Por favor, sai da frente, Alberto! Mas que merda!
Vai ficar defendendo esse filho da puta!

ALBERTO COOPER

Não! Você não pode fazer isso!

ALBERTO COOPER

Sai da frente! Eu não me importo em atirar em você!
Sai da frente!

SÉRIE DE PLANOS

- A. Gustavo está muito próximo de Alberto, e o investigador, percebendo uma chance, tenta imobilizar Gustavo.
- B. Por ser mais jovem e influenciado pelo ódio, Gustavo é mais ágil. Sem deixar a arma cair, ele se desvincula facilmente de Alberto.
- C. Alberto perde o equilíbrio.
- D. Close na arma ainda na mão de Gustavo.

(CONT.)

- E. Instintivamente, um dos policiais saca de sua arma, mas não faz mira.
- F. Na tentativa de se desvincular de Alberto, Gustavo quase perde o equilíbrio. E ainda meio sem equilíbrio, ele mira a arma em Cleison.
- G. Três disparos são efetuados.
- H. Cleison é atingido duas vezes no peito.
- I. Alberto vai para cima de Gustavo e o agarra.
- J. Alberto e Gustavo caem no chão.
- K. GUSTAVO grita pelo ódio que está sentindo.
- L. Involuntariamente, Gustavo efetua outros disparos sem se importar se vai atingir outras pessoas.
- M. Alberto segura a mão de Gustavo e toma a arma.
- N. Cleison cai no chão.
- O. O sangue escorre pelas perfurações no peito.
- P. Seus olhos aberto fitam o vazio e perdem seu brilho.
- Q. Num último suspiro, uma torrente de sangue sai pela boca do assassino.
- R. A câmera sobe gradativamente e filma a cena de cima: Alberto segurando Gustavo enquanto esse se debate e grita; o corpo de Cleison Boyle caído no chão; os policiais perdidos, sem saber o que fazer diante da situação.
- S. Finalmente um deles toma atitude e se abaixa para ajudar Alberto a imobilizar Gustavo Lopes, que permanece descontrolado, tentando se livrar de Alberto.

FADE OUT

CENA 23. INT. ESTACIONAMENTO. NOITE

23

18 DE OUTUBRO DE 2016. TERÇA-FEIRA

O ambiente é o estacionamento de um prédio de alto padrão onde o juiz ÁLVARO REZENDE tem um apartamento. Nesse apartamento ele mora com sua esposa e seu filho de 5 anos.

Um carro de luxo percorre alguns metros no estacionamento até chegar a sua vaga.

INSERT:

A mão de Álvaro Rezende gira a chave na ignição do carro. O "ruído suave" do motor do carro se silencia.

(CONT.)

VOLTA À CENA

A porta se abre e Álvaro Rezende sai do carro.

Álvaro Rezende é um homem de uns 40 anos. É magro, alto, de roupas elegantes e usa óculos de lentes quadriculadas. É moreno de pele branca, e seus cabelos lisos são penteados para trás.

Álvaro Rezende caminha entre os carros que estão estacionados até a porta de um elevador.

Álvaro pressiona um dos botões e a porta do elevador se abre.

CENA 26. INT. ELEVADOR. NOITE

26

Álvaro entra no elevador. A porta se fecha e Álvaro ouve o sinal do Whatsapp.

Ele retira o aparelho do bolso e sorri olhando para a tela do celular.

INSERT:

Os dedos de Álvaro DESLIZAM sobre a tela do celular.

Um vídeo foi enviado através do Whatsapp e começa a ser reproduzido.

É um vídeo da esposa de Álvaro Rezende ao lado de seu filho, uma criança de uns 5 anos.

No vídeo, a esposa de Álvaro e seu filho estão felizes. A criança diz que se divertiu muito, que gostaria que o pai estivesse junto deles. A esposa diz que sente saudade de Álvaro, principalmente para ajudar a cuidar do filho. Ao final do vídeo, a esposa pede para o filho ficar quieto e diz que em DOIS DIAS estarão novamente em casa.

VOLTA À CENA

Álvaro sorri e coloca o celular no bolso da calça. Simultaneamente, o elevador para em um andar do prédio.

A porta do elevador se abre e Álvaro sai.

CENA 27. CORREDOR. NOITE**27**

Após ter saído do elevador, ÁLVARO REZENDE caminha por um corredor até chegar à porta de seu apartamento.

Ele apanha as chaves. Introduz uma das chaves no trinco e abre a porta.

CENA 28. INT. APARTAMENTO DE ÁLVARO REZENDE. SALA. NOITE**28**

A porta se abre e ÁLVARO REZENDE entra na casa.

Ele fecha a porta e caminha até uma mesa de centro que está em meio à sala. Sobre a mesa de centro há um controle-remoto.

Álvaro apanha o controle-remoto e pressiona um dos botões.

Um aparelho de som em um rack é ligado e UMA MÚSICA SUAVE COMEÇA A SER REPRODUZIDA.

Álvaro coloca o controle novamente sobre a mesa de centro e caminha na direção do banheiro, soltando o nó da gravata.

CENA 29. INT. APARTEMENTO DE ÁLVARO REZENDE. BANHEIRO**29**

A porta do banheiro se abre e ÁLVARO REZENDE entra.

Ele segura a gravata e a coloca sobre a pia do banheiro.

O banheiro é amplo e sofisticado, com uma banheira grande, e um armário, também grande.

Álvaro olha para seu reflexo no espelho.

INSERT:

A mão de Álvaro gira um registro.

Imagem da água começando a sair pelo chuveiro.

CENA 30. INT. APARTEMENTO DE ÁLVARO REZENDE. QUARTO**30**

ÁLVARO REZENDE entra no quarto. O quarto está escuro.

(CONT.)

Ele pressiona o interruptor e algumas lâmpadas no teto se acendem.

Álvaro já está vestido com um pijama e seus cabelos estão úmidos, como de quem sai do banho. Ele aproxima-se da cama, coloca o telefone celular sobre a cômoda e prepara a cama para se deitar. Em seguida liga o abajur.

Após ligar a lâmpada do abajur, Álvaro volta até o interruptor, pressiona-o e as lâmpadas no teto se apagam.

Alguns segundos se passam e ele se deita na cama e desliga a lâmpada do abajur.

Tudo fica muito escuro.

Apesar de o ambiente ter ficado escuro, é perceptível a silhueta de um homem saindo de trás do roupeiro, a passos cuidados.

INSERT:

Um punhal é perceptível em uma das mãos desse homem.

VOLTA À CENA

O homem dá um passo na direção da cama e para ao ouvir um ruído metálico. É o ruído do celular de Álvaro, sobre a cômoda, recebendo uma mensagem.

No escuro, Álvaro apanha o celular para ler a mensagem.

Álvaro não percebe o homem em pé próximo do guarda-roupas, tanto porque O BRILHO DA TELA DO CELULAR OFUSCA SUA VISÃO.

POV DE ÁLVARO

No celular Álvaro lê a mensagem de sua esposa; "Boa noite, meu amor, durma bem. Saudades".

VOLTA À CENA

Álvaro coloca o celular novamente sobre a cômoda e novamente tudo fica escuro quando a tela do celular se apaga.

O homem caminha na direção da cama. Close no punhal em uma de suas mãos.

Álvaro continua com a vista turva, ofuscada, e não percebe o homem se aproximando.

Assim que o homem fica próximo de Álvaro, esse enfim percebe a silhueta do intruso e se assusta.

Mas já é tarde.

(CONT.)

O homem começa a esfaquear Álvaro na região do tórax, com muita fúria e rapidez.

Álvaro grita e geme. Suas mãos e pernas começam a se bater, como se tentasse desesperada e instintivamente se defender.

Álvaro perde as forças enquanto é esfaqueado. Seus gritos se tornam gemidos e suas pernas e mãos perdem as forças.

Álvaro cospe sangue enquanto dá seus últimos suspiros.

Sangue começa a espirrar a cada golpe.

Após desferir inúmeros golpes de punhal, o homem parece ter se cansado e para, olhando para o corpo de Álvaro sobre a cama.

FADE OUT

CENA 31. INT. CASA DO ASSASSINO DE ÁLVARO REZENDE. NOITE 31

A câmera em ângulo baixo filma uma porta se abrindo.

Surgem apenas os pés de um homem. Após ter aberto a porta, ele entra no quarto. O ambiente é anônimo.

INSERT:

Um interruptor sendo acionado.

VOLTA À CENA

Uma lâmpada se acende no teto e o ambiente torna-se iluminado. É um cômodo pequeno e organizado, uma mistura de sala e cozinha, com um sofá de dois lugares de frente para um rack, uma geladeira próxima de uma mesa pequena, um armário de cozinha, uma pia, entre outros móveis, tudo pequeno, mas organizado.

Após ter entrado no pequeno apartamento, o homem fecha a porta e caminha até uma segunda porta.

SÉRIE DE PLANOS

- A. Imagem da porta do banheiro se abrindo.
- B. Uma torneira se abre.
- C. O homem lava as mãos com sabão. Fecha a torneira e seca em uma toalha pendurada em um suporte próximo da pia do banheiro.

(CONT.)

- D. Imagem de uma fotografia fixada em um guarda-roupas pequeno. É a fotografia da advogada ANA SIMÕES. Traços feitos por uma caneta vermelha formam um "X" sobre a face de Ana Simões.
- E. As mãos do homem fixam uma segunda fotografia ao lado da fotografia de Ana. É uma fotografia facial do juiz ÁLVARO REZENDE.
- F. O homem apanha uma caneta e risca a face de Álvaro Rezende, formando um "X" sobre o rosto.

HOMEM (O.S.)

Dois já foram... Faltam muitos ainda... Mas tenha calma... Muito trabalho ainda. Mas tudo a seu tempo.

CENA 32. INT. CASA DE JÚLIA CAVALHAIS. SALA. DIA

32

JÚLIA CAVALHAIS e REGINALDO CAVALHAIS estão em frente à televisão. Eles estão acabando de assistir a notícia sobre a morte de CLEISON BOYLE.

REPÓRTER (V.O.)

... Cleison Boyle não resistiu aos ferimentos e morreu no local. GUSTAVO LOPES foi encaminhado à delegacia. Segundo as informações que obtivemos até o momento, Gustavo Lopes é filho de JOÃO LOPES, o investigador que foi assassinado por Cleison há alguns dias. Certamente a morte de Cleison foi uma represália ao assassinato do investigador...

Júlia está chocada com a notícia.

JÚLIA CAVALHAIS

(com a mão tapando a boca)

Meu Deus! Que história! O mundo está acabando!

REGINALDO CAVALHAIS

(com expressão de ódio)

Filho da puta! Teve o fim que mereceu!

INSERT:

Imagem de um jornal sobre a escrivania do investigador ALBERTO COOPER. NO JORNAL ESTÁ A MATÉRIA SOBRE A MORTE CLEISON BOYLE.

ALBERTO COOPER (O.S.)

Agora só falta eles tachar o desgraçado como um santo!

Alberto dá uma tragada no cigarro e sopra fumaça pela boca.

Do outro lado da escrivania, o delegado MICHAEL SELTZER observa Alberto Cooper apanhar a xícara de café e tomar um gole. Alberto coloca a xícara sobre a mesa e bate o cigarro no cinzeiro que também está sobre a escrivania.

Michael Seltzer segura uma pasta com documentos e TAMBORILA os dedos sobre ela.

ALBERTO COOPER

O que tem aí? Mais um caso pra mim?

MICHAEL SELTZER

É. Pra variar.

Michael Seltzer joga a pasta sobre a mesa e Alberto a apanha. Alberto abre a pasta e começa a ver o material.

MICHAEL SELTZER (O.S.)

Foi ontem. O nome dele é Álvaro. É juiz de direito.

Alberto parece se surpreender ao ouvir a palavra "juiz".

ALBERTO COOPER

Álvaro. Você não está me dizendo que... o juiz Álvaro Rezende?

(CONT.)

MICHAEL SELTZER

Ele mesmo. Foi ontem à noite. E... como vê nas fotografias, excluindo as 20 e poucas punhaladas, foi semelhante ao assassinato da advogada, ANA SIMÕES. Os dedos e a língua formam cortados da mesma forma. A única diferença é que foi feito quando já estava morto.

ALBERTO COOPER

Você acha que os crimes tem alguma ligação?

MICHAEL SELTZER

Não sei. Talvez.

ALBERTO COOPER

Quando fica pronto o laudo da necropsia?

MICHAEL SELTZER

Ainda não conversei com a MARLENE. Acho que você deveria ir ao IML dar uma olhada no corpo.

ALBERTO COOPER

E a perícia encontrou algo no local do crime?

MICHAEL SELTZER

Nada! E, como aconteceu com Ana Simões, ninguém viu nada suspeito.

Após ter olhado para o material, Alberto fecha a pasta e pressiona a guimba do cigarro em meio às cinzas no cinzeiro.

MICHAEL SELTZER

É. Se for o mesmo assassino, será mais um pra você se divertir, meu caro.

(CONT.)

ALBERTO COOPER

Já estou acostumado. Vou visitar o local dos crimes ainda hoje.

MICHAEL SELTZER

Ótimo. O CARLOS vai junto contigo.

OPORTUNAMENTE a porta se abre e CARLOS surge no vão, sorridente e aparentemente ingênuo.

Alberto esfrega a palma das mãos no rosto, como que amolado e entediado.

Carlos continua a sorrir em meio à porta da sala.

FADE OUT.

CENA 34. CAMARIM. NOITE.

34

Imagem do rosto do cantor JASOM MIROJNICK refletido em um espelho. Jasom está com os cabelos compridos e o ambiente se trata de um camarim.

Após olhar para seu reflexo, Jasom desce o olhar para a mesa onde está um CD do Aerosmith.

POV DE JASOM MOROJNICK

Jasom pega o CD e retira o encarte. Dentro do encarte, entre a letra das músicas, há uma fotografia esmaecida de MANUELE CAVALHAIS quando era ainda uma garota. Jasom apanha a fotografia.

CENA 35. INT. CASA DE JÚLIA CAVALHAIS. DIA (FLASHBACK)

35

JASOM MOROJNICK está sentado em um sofá ao lado de MANUELE CAVALHAIS em um sofá em meio à sala da casa de JÚLIA.

Um filme é reproduzido na televisão.

Ambos estão alguns anos mais jovens, apenas dois adolescentes.

(CONT.)

Jasom desvia os olhos da televisão e olha com seriedade para o rosto de Manuele.

JASOM MIROJNICK

Eu te amo, Manuele!

Manuele ri.

MANUELE CAVALHAIS

É? E até quando?

JASOM MIROJNICK

(sério)

Para sempre.

CENA 36. CAMARIM. NOITE.

36

Em frente ao espelho, JASOM continua segurando a fotografia de MANUELE.

JASOM MIROJNICK

Isso é pra você, Manu. Tudo o que fiz foi por você.

Jasom coloca a fotografia novamente no encarte e coloca-o sobre a mesa, olhando, em seguida, para seu reflexo no espelho.

JASOM MIROJNICK

Vamos lá, Jasom. O público te espera.

CENA 37. PRAÇA OU OUTRO LOCAL ONDE ACONTECERÁ UM SHOW/ NOITE. 37

A câmera em movimento capta o rosto de muitas pessoas aglomeradas, todas olhando para um palco.

(CONT.)

Nos suportes, os refletores se ascendem, iluminando o palco. Um solo de guitarra se inicia. Entra logo em seguida o som da bateria.

O público começa a gritar, assoviar e bradar o nome de Jasom.

JASOM MIROJNICK surge no palco. "Para quem assiste ao filme, ele está visivelmente triste".

O "encômio" das pessoas se torna mais alto.

Ele começa a cantar a música.

(ESCOLHER UMA MÚSICA APROPRIADA PARA A CENA).

Antes do término da música, a cena finda para alternar-se com várias imagens em uma montagem.

CENA 38. MONTAGEM.

38

Ao som da música da cena anterior, várias imagens são reproduzidas.

- A. JÚLIA CAVALHAIS tricoteia sentada em sua antiga cadeira na varanda de sua casa.
- B. REGINALDO CAVALHAIS revira massa para concreto com uma enxada. Cansado, ele seca o suor da testa com o braço e continua a trabalhar.
- C. BRUNA LEWIS olha para seu reflexo no espelho que fica em seu quarto. Ele sorri para o reflexo. A câmera desce e "foca" uma mala no chão, ao lado de Bruna.
- D. O MORDOMO RUI observa Bruna, já dentro do carro, acenar e dar partida no carro, que logo sai em movimento.
- E. GUSTAVO LOPES sentado no chão de uma cela, olhando para o vazio.
- F. VERA LOPES em frente à lápide sobre o túmulo de JOÃO LOPES.
- G. EDUARDO RADMIM e CRISTIANE GRAÇA sentados no sofá da sala. Eles estão abraçados e olham para a televisão. Cristiane está grávida, nos últimos meses, e acaricia a barriga com um sorriso nos lábios.
- H. O investigador ALBERTO COOPER no local de um crime cujo corpo da vítima já fora removido, com fitas de isolamento. CARLO FRAGOSO está ao seu lado.

FADE OUT

CENA 39. INT. CASA DE JÚLIA CAVALHAIS. DIA**39**

INSER:

Imagem das casas de um bairro pobre é vista em perspectiva.

VOLTA À CENA

REGINALDO e JÚLIA CAVALHAIS estão sentados ao lado da mesa em meio à cozinha.

CARACTERES NO CANTO DA TELA INDICAM "UM ANO DEPOIS".

Reginaldo coloca cadarços em um par de tênis e Júlia tricoteia com muito empenho e atenção alguma peça de roupa.

Reginaldo termina de colocar o cadarço em um dos tênis e o coloca no chão.

REGINALDO CAVALHAIS

Mãe, a senhora ficou sabendo o que aconteceu com aquele policial que investigou a morte da Manu?

Júlia para de tricotear e olha com curiosidade para Reginaldo.

JÚLIA CAVALHAIS

Não. Não fiquei sabendo de nada? Sabe de alguma coisa?

REGINALDO CAVALHAIS

O MAURO me disse que ele levou uns tiros e tá no hospital. Mas disse que não foi nada grave.

JÚLIA CAVALHAIS

Nossa! Meu Deus! Que coisa!

Júlia pensa por alguns segundos, como se não acreditasse no que ouvira. Após, volta a olhar para o rosto de Reginaldo.

JÚLIA CAVALHAIS

Mas... mas o Mauro conhecia o investigador? Da onde?

(CONT.)

REGINALDO CAVALHAIS

(soltando um sorris)

A senhora conhece o Mauro. Ele não assiste TV, não escuta rádio e não lê jornal, mas, não sei como, ele fica sabendo de tudo.

Júlia ri e volta a tricotear.

JÚLIA CAVALHAIS

Ah, é. Isso é verdade.

Como se lembrasse de algum detalhe, Júlia para de tricotear e olha com olhos e expressão cheias de saudade para Reginaldo.

JÚLIA CAVALHAIS

Hoje faz um ano que ela morreu.

Reginaldo não fala nada e fica triste.

JÚLIA CAVALHAIS (CONT.)

Amanhã vamos visitar ela.

CENA 38. INT. CEMITÉRIO. TARDE.

38

INSERT:

Imagem de folhas secas caindo dos galhos de uma árvore. Está ventando e o céu está nublado. A câmera desce e percebemos um cemitério.

VOLTA À CENA

JÚLIA CAVALHAIS e REGINALDO estão em frente uma lápide. Júlia entrega um guarda-chuva fechado a Reginaldo e ajoelha-se em frente à lápide. Ela retira uma vela de uma sacola plástica e acende em frente à lápide. Ela inicia uma oração em voz baixa. Seus olhos estão tristes e cheios de lágrimas.

(CONT.)

Ouvimos o ruído da chuva se aproximando sobre os telhados das casas próximas.

REGINALDO CAVALHAIS

Vamos, mãe. A chuva está se alastrando.

Ao ouvir seu filho, Júlia se levanta.

Reginaldo abre o guarda-chuva ao sentir os primeiros pingos da chuva.

Júlia olha uma última vez para o túmulo da filha.

POV DE JÚLIA CAVALHAIS

Imagem da lápide indicando o nome de MANUELE CAVALHAIS e as datas em que nasceu e morreu.

JÚLIA CAVALHAIS (O.S.)

Completaria 21 anos no mês que vem.

VOLTA À CENA

REGINALDO CAVALHAIS

(com lágrimas nos olhos)

Eu sei, mãe, mas agora precisamos ir.

Júlia abraça o filho, ambos protegidos pelo guarda-chuva, e saem do cemitério.

CENA 39. INT. CASA DE JÚLIA. (FLASHBACK)

39

MANUELE CAVALHAIS, com uniforme escolar, aproxima-se correndo para abraçar sua mãe. Manuele é apenas uma garotinha de uns 4 ou 5 anos.

JÚLIA CAVALHAIS

Como foi o primeiro dia de aula da minha garotinha?

(CONT.)

MANUELE CAVALHAIS

Ah, mãe. Senti tanta falta sua. Não gosto de ficar longe da senhora.

JÚLIA CAVALHAIS

Mas você precisa estudar, meu anjo. E você não vai ficar sempre longe da mãe. Só de vez em quando. Só de vez em quando.

Manuele sorri com lágrimas nos olhos.

FADE OUT.

CENA 40. INT. CEMITÉRIO. TARDE.

40

A última imagem do roteiro resume-se na vela acesa sendo apagada pelo vento.

A tela se escurece.

FADE OUT.

THE END